



DISCURSO NA CERIMÓNIA DE DOUTORAMENTO

HONORIS CAUSA DE IMMANUEL WALLERSTEIN

Elogio de Boaventura de Sousa Santos

JOÃO ARRISCADO NUNES

Magnífico Reitor

Exmos Senhores Reitores

Senhores Vice-Reitores

Senhor Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Prezados Colegas Directores de Departamentos e Institutos de Sociologia

Digníssimas Autoridades Civas e Religiosas

Senhores Professores, Assistentes e Investigadores

Caros Estudantes

Senhores Funcionários

Minhas Senhoras e meus Senhores

A Universidade de Coimbra confere hoje o Doutoramento *honoris causa* a Immanuel Wallerstein, uma das grandes figuras das ciências sociais, cuja biografia e *curriculum* foram apresentados pelo meu colega Professor Doutor Carlos Fortuna. É significativo que o autor de



um livro com o expressivo título de *O fim do mundo como o conhecemos* tenha como apresentante, nesta cerimónia, Boaventura de Sousa Santos, um outro grande intelectual e cientista social que tem orientado a sua actividade pela exigência não só de conhecer com rigor esse mundo que está a acabar, como de explorar as possibilidades de um outro mundo, mais solidário e mais justo, e de contribuir para a emergência de outros modos de conhecer, enquanto condição da própria possibilidade de pensar esse outro mundo.

A vida e a obra de Boaventura de Sousa Santos são marcadas por uma trajectória coerente mas multifacetada de articulação entre a produção científica e a intervenção cívica, entre a razão e a emoção, entre o ensino e a formação de gerações de estudantes vindos de várias partes do mundo. Não podemos deixar de admirar a lucidez e a paixão de quem, tendo declarado numa entrevista que vivia “algures entre as nuvens”, não se cansa de percorrer os muitos lugares e experiências que nos lembram que não estamos sós no mundo, que existe mais mundo no mundo do que aquele que a imaginação eurocêntrica consegue conceber. É ao “optimista trágico”, analista e pensador lúcido da realidade emergente dos processos contraditórios de globalização e das dinâmicas pós-coloniais, mas também incorrigível arauto das “utopias realistas”, como lhes chamou Immanuel Wallerstein, que devemos algumas das mais brilhantes análises do mundo contemporâneo e exortações a que aprendamos a conhecê-lo de outro modo. Ao instigar-nos a “aprender com o Sul”, Boaventura de Sousa Santos convida-nos a abrir novos modos de envolvimento com a sociedade e com a natureza, de reconhecimento da diferença, de aceitação da parcialidade, incompletude e historicidade das nossas categorias alegadamente universais, e da necessidade de não confundir com universalidade o que outro grande sociólogo, Aníbal Quijano, chamou de “colonialidade do saber”.

Se quiséssemos condensar numa palavra aquilo que melhor caracteriza a biografia e a actividade de Boaventura de Sousa Santos, essa palavra seria “transgressão”. Essa transgressão leva-o a atravessar o muro de Berlim (e a voltar) durante a Guerra Fria e quando tal era vedado aos cidadãos portugueses; instiga-o, no Rio de Janeiro dos tempos da ditadura, a atravessar a fronteira que separa o reino da “lei do asfalto” do da “lei da



favela”; incita-o a transpor as barreiras disciplinares, a recuperar a capacidade crítica das ciências e a propor um diálogo entre modos de conhecer e entre experiências, rumo a uma ecologia de saberes contraposta às monoculturas do conhecimento; fá-lo desafiar a oposição entre razão e emoção, fonte de uma equívoca e perversa concepção da objectividade e da integridade científicas e intelectuais, que considera estarem estas comprometidas quando o intelectual ou o cientista se dispõe a escutar e a solidarizar-se com aqueles que, estejam onde estiverem, vêem a sua sobrevivência, a sua dignidade ou a sua identidade ameaçadas; intima-o a interpelar todos os que, em nome de pretensões à universalidade, ignoram a diversidade e a riqueza da experiência humana e esquecem que o universal terá de ser um ponto de chegada, o resultado de uma construção ou produção mútua, e não um ponto de partida; alimenta a experimentação reiterada de novos recursos pedagógicos, alicerçados no reconhecimento das capacidades e da riqueza das experiências dos que transformam a aprendizagem num processo permanentemente reinventado; leva-o a procurar identificar as diferentes formas de opressão e de discriminação, baseadas nas diferenças de classe, de sexo, de orientação sexual, de raça ou de pertença étnica, de nacionalidade ou de filiação religiosa ou política, que alimentam desigualdades e exclusões; impele-o a assumir a reivindicação da igualdade e a exigência do reconhecimento das diferenças constitutivas das subjectividades que povoam o mundo, não como opostos que se excluem mutuamente, mas como pólos de uma tensão capaz de gerar novas figuras da democracia, da justiça e de um cosmopolitismo ancorado na diversidade de culturas, de cosmovisões e de experiências e nas complexas operações de tradução que criam a sua inteligibilidade mútua; incita-o a um alinhamento activo com os projectos de renovação do pensamento e da prática políticas e de reinvenção da democracia numa direcção solidária, participativa e cosmopolita; e, finalmente, vincula-o ao compromisso com a renovação da relação entre o conhecimento e a acção, a “extensão ao contrário”, como ele costuma chamar-lhe, que visa transformar a Universidade, não em mais um nicho de hegemonia neoliberal, do domínio sem limites da lógica do mercado e da concorrência, mas numa instituição cuja missão deve ser entendida no equilíbrio entre o espaço de autonomia e de livre pensamento e criação, sem o qual não é



possível a actividade crítica, e a responsabilidade social, garante da legitimidade da Universidade enquanto instituição que serve o interesse público.

A transgressão é um ponto de entrada para, como gosta de dizer Boaventura de Sousa Santos, ampliar o presente, não o reduzir ao que pode ser dito ou reconhecido nas linguagens que, por nos serem tão familiares, ocultam ou silenciam tanto ou mais do que deixam ver ou ouvir. Ela põe-nos no caminho da identificação dos projectos, dos actores e das experiências que a história enquanto discurso dos vencedores remeteu para o silêncio ou para a invisibilidade. E é o mesmo caminho que nos dá a ver as experiências, processos e actores emergentes, aqueles que, por não terem nome nos modos de conhecimento hegemónicos, são por estes condenados à irrelevância ou à inexistência. As globalizações contra-hegemónicas, tão centrais no trabalho de Boaventura de Sousa Santos, são um dos nomes dessas emergências, dessa ampliação do presente que, como ele nos ensina, torna possível evitar que o futuro seja reduzido a uma extensão do que hoje existe, encorajando a acção rebelde contra a celebração da acção conformista e do fatalismo do “não há alternativa”.

A Universidade de Coimbra pode orgulhar-se de contar, entre os seus docentes e investigadores, com esta grande figura intelectual do tempo presente. É raro encontrar concentrados na mesma pessoa tantos atributos de excelência académica e científica e, simultaneamente, os compromissos do intelectual público, expressos na impressionante lista das suas contribuições para a vida académica, intelectual e científica, para a reflexão e intervenção política e cívica e - não o esqueçamos! - para a poesia. Boaventura de Sousa Santos é o professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e de tantas outras em diferentes países e continentes, fundador do moderno ensino da sociologia nesta Universidade; é o investigador peregrino, percorrendo as diferentes regiões do mundo e ajudando a sedimentar novas formas de conhecimento, na Europa, na América do Norte e na América Latina, em África e na Índia, em Macau e em Portugal, em áreas tão diversas como a sociologia do direito, a sociologia política e do estado, a sociologia do conhecimento e da ciência e a reflexão epistemológica, e sobre temas tão variados como o diálogo entre saberes e culturas, a democracia e a cidadania, os direitos humanos e a justiça, o multiculturalismo



e a biodiversidade, os movimentos sociais e construção de um novo cosmopolitismo; é o artífice e organizador de projectos colectivos de investigação que articulam espaços e escalas, atravessam continentes e disciplinas e, pela composição das suas equipas e da sua coordenação, desafiam e subvertem a colonialidade do saber e as divisões do trabalho científico que esta consagrou; é o autor e organizador de um conjunto de obras que, traduzidas em diversas línguas e publicadas em vários continentes, constituem uma contribuição invulgar na sua abrangência, qualidade e relevância para as ciências sociais, para a reflexão epistemológica e para a reflexão crítica sobre o mundo contemporâneo; é o fundador e director do Centro de Estudos Sociais, Laboratório Associado do Ministério da Ciência e do Ensino Superior, instituição de reconhecida excelência científica, uma das principais unidades de investigação do nosso país e uma das mais internacionalizadas; é o fundador e primeiro director da Revista Crítica de Ciências Sociais, uma das mais prestigiadas publicações de língua portuguesa nesta área; é o inspirador, impulsionador e primeiro organizador, em 1990, dessa iniciativa ímpar que é o Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, cuja nona edição se realiza este ano em Angola; é o director do Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra, instituição única que tem preservado a memória de um dos períodos decisivos da história recente do nosso país; é o director do Observatório Permanente da Justiça, que tem produzido contribuições fundamentais para os projectos de diagnóstico e transformação do sistema judicial e de promoção do acesso à justiça em Portugal; é o perito comprometido que participa na elaboração de um projecto de reforma solidária da Segurança Social; é o activista, mas também

o estudioso, do Fórum Social Mundial e de Fóruns Sociais regionais e temáticos, expressão da emergência de uma cidadania global e de um novo cosmopolitismo; é um dos animadores do projecto pioneiro de Universidade Popular dos Movimentos Sociais; é o fundador e primeiro presidente da direcção da Associação Cívica Pró Urbe, marco da cidadania activa em Coimbra, e impulsionador de iniciativas como o Primeiro Congresso da Cidade de Coimbra e a elaboração da sua Carta Constitucional; é o militante do cooperativismo agrícola em Barcouços; é o coleccionador de crucifixos, testemunho da diversidade das manifestações de uma fé que ele respeita como expressão da riqueza da experiência humana que lhe é tão querida; é o poeta e

o melómano admirador de Mahler; mas é também aquele que, na companhia dos seus estudantes e como culminar dessas inolvidáveis experiências intelectuais e pedagógicas que são os seus seminários, se reescreve em serões em que a poesia, a sua e a dos outros, serve



de mote para outras aprendizagens; e é, finalmente, o intelectual socialmente responsável que, em momentos de confronto e de adversidade - como quando a publicação de uma investigação que dirigiu é impedida por os seus resultados desagradarem a quem a encomendou; quando contesta a orientação de um livro branco da segurança social para abraçar a alternativa de esperança expressa, apropriadamente, num livro verde; quando assume a defesa da causa da justiça ambiental, ao lado de populações locais; quando, perante uma ataque pessoal travestido de defesa da ciência, responde com a iniciativa de produzir aquela que é, sem dúvida, uma impressionante contribuição internacional, transdisciplinar e epistemológica e cientificamente plural para o debate sobre os conhecimentos alguma vez publicada entre nós -, nunca perdeu a capacidade de sentir a dor, a frustração, a tristeza e a indignação que é indissociável dessa generosidade e entrega à causa da defesa da dignidade humana e da emancipação social que tanto tem marcado o seu trabalho e a sua vida.

Magnífico Reitor

Num momento em que a Universidade é chamada a repensar-se e a transformar-se, num processo que poderá torná-la irreconhecível, vale a pena lembrar que, em todos os momentos em que, no passado recente, este desafio foi colocado à nossa instituição, Boaventura de Sousa Santos ofereceu-nos algumas das mais relevantes e lúcidas contribuições para o indispensável debate sobre o que é a Universidade, mas, mais ainda, o que ela poderá ser e o que queremos que ela seja. Em 1975, no auge do processo revolucionário, um pequeno livro de Boaventura de Sousa Santos convidava-nos a reflectir sobre a democratização da Universidade, sobre os seus objectivos, os seus protagonistas e os seus beneficiários. Mais de uma década depois, quando a nossa Universidade (e a Universidade portuguesa) celebrava os seus 700 anos, e no momento em que a integração europeia suscitava novas interrogações sobre a missão da Universidade e o seu futuro, Boaventura de Sousa Santos trazia-nos uma reflexão sobre uma crise institucional cujos contornos já então eram visíveis, e apontava algumas das vias que poderiam ajudar a Universidade a reinventar-se como instituição. É precisamente esse desafio à reinvenção que, de novo, nos é lançado com uma obra cujo impacto no país em que começou por ser publicado, o Brasil, tem sido significativo, e que tem conhecido já uma importante circulação internacional. O título da obra, *A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*, revela mais uma vez a preocupação em



caracterizar com lucidez, mas também com o indispensável arrojo e imaginação, as condições em que a missão da Universidade se está a transformar e as possibilidades de uma reforma que não esqueça que a Universidade deve ser um espaço de promoção e aprendizagem da democracia e da cidadania, em que os conhecimentos e as ciências sejam forjados como recursos para a emancipação humana e a solidariedade. A posição do autor é, aqui, inequívoca, e reafirma um dos grandes ensinamentos que marcaram indelevelmente todos os que com ele estudámos, convivemos e trabalhamos:

“A Universidade é cidade e faz cidade”